

ALCOOLISMO FEMININO, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS*

Luci Mara Bertoni

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

profaluci@uesb.edu.br

Em consonância com o tema geral do Colóquio do Museu Pedagógico que nos convocou ao debate acerca dos desafios e perspectivas de resistência na ciência, na educação e nas lutas de classe, a coordenação do grupo de estudos e pesquisas sobre Gênero, Políticas, Álcool e Drogas (GePAD), vinculado ao Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) propôs o Colóquio Temático Ciência e educação: representações sociais, políticas, gênero e drogas, com o intuito de divulgar os resultados de pesquisas afins à temática, e que são desenvolvidas por pesquisadoras(es) do grupo e da comunidade científica em geral.

Desde sua criação, em 2008, o grupo conta com pesquisadoras(es) iniciantes, bem como com discentes de Especialização do Museu Pedagógico, Mestrandas(os) e Doutorandas(os) do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB).

O objetivo deste artigo é evidenciar os principais resultados das pesquisas deste grupo sobre as temáticas de gênero e drogas sob a perspectiva das teorias da memória e das representações sociais, com destaque para a especificidade do alcoolismo feminino. Destacamos que os resultados das pesquisas apontam para os cuidados em saúde no intuito de desmistificar a relação “natural” que a sociedade faz quando considera droga como algo ruim, ao pensar nas drogas ilícitas, menosprezando os benefícios e malefícios de todas as substâncias, independentemente de sua licitude.

De maneira geral, os grupos investigados consideram como droga, as substâncias ilícitas na sociedade brasileira e que têm destaque nas notícias policiais, atribuindo a usuários e traficantes o mesmo *status* de “bandidos” e “criminosos”. Além de não considerarem a bebida alcoólica

* DOI - 10.29388/978-65-6070-055-0-0-f.252-262

e o tabaco como drogas, bem como os medicamentos, sendo a primeira plenamente aceita enquanto não aparecem problemas relacionados ao abuso ou à dependência. Neste caso, discriminando, marginalizando ou excluindo o usuário. Fato mais complexo quando se trata de mulheres usuárias ou dependentes. O que pode ser comprovado a partir de alguns estudos e analisado no que tem sido veiculado na mídia televisiva no tocante às telenovelas ou às propagandas de cerveja.

Antes, porém, faremos algumas considerações sobre drogas, memórias e representações sociais, explicitando brevemente sobre seus conceitos principais.

Drogas, memória e representações sociais

As teorias da memória e das representações sociais têm sido norteadoras nas pesquisas do GePAD/PPGMLS, trazendo como principais teóricos Maurice Halbwachs (1877-1945) e Serge Moscovici (1925-2014), respectivamente.

Embora vivendo em tempos diferentes, os dois teóricos têm as representações coletivas, de Émile Durkheim (1858-1917), como ponto convergente para a base de suas teorias e, de maneira bem sucinta podemos afirmar que as relações na sociedade é que permeiam, originam e comunicam nossas memórias e nossas representações sociais acerca dos diversos objetos e fenômenos que nos rodeiam. O que não é diferente quando pensamos as questões relacionadas às drogas.

Como premissa, podemos afirmar que criamos e nos comunicamos todo o tempo por meio de representações sociais, na tentativa de compreendermos algo que ainda não faz parte de nosso universo de conhecimento. Para tanto, usamos dos mecanismos de “objetivação” e “ancoragem” para tornar familiar o que antes não era familiar. Sem definirmos qual processo acontece primeiro e considerando que podem acontecer ao mesmo tempo, objetivar “é reproduzir uma ideia em uma imagem” e ancorar é “classificar e dar nome a alguma coisa”, de acordo com o próprio Moscovici ([2000] 2005).

Este autor destacou a relação entre memória e representações sociais, quando afirmou que “[...] nossas representações [...] tornam o não-familiar em algo familiar. O que é uma maneira diferente de dizer que

elas dependem da memória.” (Moscovici, [2000] 2005, p. 78). Em suas palavras:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

Por meio destes processos, criamos nossas representações sobre as drogas e as(os) usuárias(os). Sobre as primeiras, é muito comum encontrarmos as definições de algo mal e perigoso na sociedade. Sempre associadas à morte, à violência e ao ilícito. É necessário explicitarmos que as substâncias psicoativas, também, conhecidas como drogas, não representam o bem ou o mal em si mesmas. São substâncias com capacidade de agir no sistema nervoso central e alterar o seu funcionamento, de acordo com seu princípio ativo.

Assim, podem ser classificadas como depressoras (álcool, sedativos...), estimulantes (caféina, cocaína, tabaco...) ou perturbadoras (maconha, LSD...). De acordo com cada sociedade, seu comércio é permitido (lícito) ou proibido (ilícito). Lembrando que a legalidade ou não de uma droga depende de decisões políticas e econômicas, não necessariamente, de sua ação no organismo.

Comumente, em nossos estudos, encontramos as representações sociais sobre drogas relacionadas às drogas ilícitas e apontadas como as principais causadoras de todos os males da sociedade. É preciso considerar que as duas principais drogas legalizadas, no Brasil, ademais de alguns medicamentos, têm destaque no *ranking* das drogas que mais causam prejuízos e mortes.

De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2023), o tabagismo está associado a vários tipos de câncer, sendo o de pulmão, responsável por 90% das mortes.

A Organização Mundial da Saúde aponta que o tabaco mata mais de 8 milhões de pessoas por ano. Mais de 7 milhões dessas mortes

resultam do uso direto desse produto, enquanto cerca de 1,2 milhão é o resultado de não-fumantes expostos ao fumo passivo. A OMS afirma ainda que cerca de 80% dos mais de um bilhão de fumantes do mundo vivem em países de baixa e média renda onde o peso das doenças e mortes relacionadas ao tabaco é maior (WHO, 2020 *apud* INCA, 2023, p. 1).

Também são preocupantes os dados indicados pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2023) quando afirma que 5,3% da população mundial, ou seja, 3 milhões de pessoas morrem, anualmente, em consequência do uso nocivo de álcool. Responsável por mais de 200 doenças e lesões, de acordo com a mesma instituição.

Do nosso ponto de vista, a questão central com relação ao uso/abuso de bebidas alcoólicas, é que esta é a droga mais popular, alcançando todas as classes sociais e, talvez, a mais socializadora, conforme nossos próprios estudos (Bertoni, 2015).

Consideramos importante destacar que a sociedade brasileira incentiva o consumo de bebidas alcoólicas, com registros de aumento do consumo de cerveja durante a pandemia de Covid-19, e que é a terceira maior produtora mundial de cerveja (Castilho, 2023). Por ser esta uma droga legalizada, seu consumo está presente nas festas de família, de colegas de trabalho e entre amigas(os), atingindo todas as idades, inclusive, adolescentes, menores de 18 anos, a quem o comércio é proibido e o uso não indicado.

Embora com seu uso estimulado, ainda encontramos preconceitos quando se trata do consumo por mulheres, conforme veremos a seguir.

Alcoolismo feminino

O alcoolismo feminino tem sido tema de nossas pesquisas e tende a ser aprofundado em nossos estudos dada a relevância da temática. Vale ressaltar as ações impulsionadoras da criação de grupos de ajuda remotos que foram criados durante a pandemia de Covid-19, e a preocupação de alguns setores da sociedade com o aumento do consumo de bebida alcoólica e da violência doméstica também relacionada à temática. Todos estes aspectos são considerados e analisados na perspectiva das teorias supra-mencionadas e expostos na discussão do presente trabalho. Considerar as

motivações e os problemas enfrentados por mulheres que abusam ou são dependentes da bebida alcoólica é de suma importância, devido ao fato dos processos de estigmatização que as mulheres vivenciam em seu cotidiano como mais uma invisibilidade das questões femininas e que merecem estudo, reconhecimento e ações para que o acesso ao tratamento e cuidado de saúde sejam garantidos amplamente, independentemente, de gênero, classe social e etnia. No caso das mulheres, as dificuldades de reconhecimento e de tratamento, também, podem estar relacionadas às representações sociais da maternidade, configurado como o estado intocável e determinado para o feminino.

Embora, as mulheres estejam mais visíveis em espaços sociais antes ocupados somente por homens, Bauer (1982) assinala que é mais difícil detectar o alcoolismo entre as mulheres porque muitas bebem em casa, às escondidas ou são “protegidas” por familiares. No mesmo sentido, destacamos os resultados da pesquisa de Beatriz Cesar (2006, p. 209) que apontam dados significativos a este respeito:

Com relação ao local onde bebem, 90% declararam beber no âmbito da esfera privada e diferenciaram esse comportamento do beber na esfera pública. Setenta por cento afirmam ter sofrido algum tipo de violência física/sexual na infância e/ou adolescência por parte de parente próximo. Desses 70%, duas começaram a beber na infância; três, na adolescência e uma, na idade adulta.

É fato que homens e mulheres reagem diferentemente à mesma quantidade de bebida. De acordo com Martins *et al.* (2005, p. 303), é considerada uma dose padrão de bebida alcoólica “toda quantidade de líquido que contenha cerca de 12 gramas de álcool puro em seu interior”. Para os autores:

Em termos práticos, esta quantidade é encontrada em uma lata de cerveja (350ml), ou em um copo (tipo americano) de vinho (150ml), ou em uma dose de vinho encorpado, como martíni ou cinzano (50ml) ou em uma dose de destilado, como pinga, uísque ou conhaque (36ml). Nota-se que da cerveja para a pinga, diminui-se somente a quantidade de água em que o álcool está diluído [...] (Martins *et al.*, 2005, p. 303).

Ainda de acordo com os autores, a concentração maior ou menor do álcool no organismo também dependerá de outros fatores, tais como: a taxa de metabolismo do álcool, o peso e o sexo da pessoa. Afirmam que a mulher atinge o NAS (Nível de álcool no Sangue) maior que o homem por ter mais gordura e pelas variações do ciclo hormonal (Martins *et al.*, 2005). Não podemos desconsiderar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas as determinações e os aprendizados de papéis sociais que devem desempenhar os meninos e as meninas também podem influenciar em seus comportamentos com relação ao álcool, inclusive no desenvolvimento ou não do alcoolismo entre descendentes de alcoolistas.

Com relação a este último aspecto, durante muito tempo iniciou-se o debate sobre a “vulnerabilidade genética”. Assim, o alcoolismo foi estudado sob vários aspectos, dentre eles, os que consideram fatores biológicos e de comportamento aprendido.

O primeiro, biológico, seria a hipótese da vulnerabilidade genética, ou seja, a dependência ao álcool seria geneticamente determinada e transmitida entre gerações. Vários estudos comprovam tal hipótese. Entretanto, maior vulnerabilidade não implica em determinação definitiva do comportamento. Outra teoria para explicar a maior vulnerabilidade dos filhos de alcoólatras e usuários de outras drogas é a do aprendizado social. De acordo com ela, a criança aprenderia a enfrentar situações difíceis na vida usando drogas por ter observado os adultos à sua volta agindo dessa forma (Silva; Mattos, 2004, p. 42).

Com relação aos papéis sociais, assim destaca Cesar (2006, p. 210, grifo da autora):

Estudos comparativos de gênero descrevem comportamentos diferenciados para homens e mulheres alcoolistas. As expressões desses comportamentos são originadas na formação, na educação de meninos e meninas, quando a identidade de gênero vai se constituindo (Robbins e Martin, 1993). Achados desses autores apontam *estilos de desvios de gênero* em que o comportamento dos homens alcoolizados seria um com reações para fora, externalizado, enquanto as mulheres tenderiam a um comportamento mais retraído, ficando menos expostas e internalizando emoções.

Desde muito cedo, a menina aprende a controlar e esconder suas emoções, principalmente, o que não é considerado adequado socialmente. Como vimos, o reconhecimento do prazer para a mulher é algo recente das lutas feministas. À mulher é proibido buscar e externalizar os prazeres, dentre eles, os sexuais (ou o que tiver relacionado ao corpo) e as consequências aparecem.

Esta mulher a quem nos referimos adoece por solidão, insegurança, despreparo, instabilidade emocional, cansaço físico e emocional, sobrecarga de trabalho, obrigações, responsabilidades e outros tantos problemas. Busca na bebida alcoólica o alívio, o “anestesiamento” e um êxtase, que, quando consegue alcançar, é momentâneo, deixando, na verdade, um saldo cada vez maior e mais negativo, carregado de discriminação, culpabilização, regado a perdas morais, materiais e afetivas (Souza *et al.*, 2008, p. 626-27).

Os estudos aqui apresentados, dentre outros que não foram citados, encontram similares resultados com relação às mulheres alcoolistas. As causas estão relacionadas à busca de alívio de tensões, à “válvula de escape” para sofrimentos também relacionados a abusos e violências sexuais, físicas e psicológicas na infância, na adolescência ou em relacionamentos conjugais. Embora a mulher esteja ocupando os espaços públicos, o problema do alcoolismo tem sido mais verificado nos espaços privados, o que dificulta a busca de ajuda profissional por estas mulheres que sentem medo e vergonha e não contam com apoio familiar. É muito comum que as mulheres acompanhem seus familiares para tratamento, embora não estejam acompanhadas por eles quando é o caso de seu tratamento, conforme aponta a pesquisa de Dias (2017).

A maternidade é considerada por pesquisadoras(es) como fator de proteção na decisão de parar de beber ou diminuir o consumo abusivo. Algumas mulheres deixam de usar a bebida alcoólica por estarem grávidas ou por desejarem manter os laços familiares, sobretudo por causa dos filhos. Embora a maternidade, contraditoriamente, pode ser considerada como “mito” (Badinter, 1985).

Na mesma linha de contradição,

[...] continuamos atreladas à nossa “natureza” maternal, somos força de trabalho ativa e produtiva na sociedade, mas ainda detemos

a responsabilidade maior atribuída ao papel de mãe e esposa, absorvendo mais o ônus destas funções (dentro e fora do lar) do que usufruindo as vantagens que elas possam propiciar (Souza *et al.*, 2008, p. 627).

Há que se considerar que as pesquisas encontradas, e algumas citadas neste trabalho, apontam para as diferenças biológicas entre homens e mulheres, além das diferenças no aprendizado e no desempenho de papéis sociais. Socialmente, o beber é diferente entre homens e mulheres. Os primeiros são incentivados ao consumo público enquanto as mulheres não sofrem tais pressões sociais. O que se pode observar, porém, é que a cobrança social para as mulheres é maior quando o beber se torna um problema. Este foi um dos aspectos destacados na pesquisa de Cesar (2006) quando se depara com um número reduzido de mulheres que buscam tratamento.

Fato que, também, aparece em pesquisas com grupos de apoio, tais como Alcoólicos Anônimos (AA), como destaca Dias (2017). Sua pesquisa nos revela outras dificuldades, tais como o ambiente masculinizado que prevalece nas reuniões ou a insegurança em circular pela cidade para participar das reuniões, por medo da violência que pode sofrer somente pelo fato de ser mulher¹.

Conclusão

Embora não tratemos especificamente do tema, é muito comum, que as mulheres para desempenharem bem seus papéis, dentre eles, o de esposa e mãe, estejam, cada vez mais, utilizando dos recursos das drogas para sobreviverem. Pouco falamos sobre o alcoolismo entre as mulheres e menos ainda sobre a dependência de medicamentos. Nossa sociedade está, cada vez mais, medicalizada e pouco espaço abre para o debate franco referente às diversas drogas.

¹ Durante a pandemia de Covid-19 quando foi registrado o aumento do consumo de bebidas alcoólicas, ademais do aumento da violência doméstica e outras vulnerabilidades (Bertoni; Batista; Oliveira, 2022), também foi possível acompanhar a criação de grupos de apoio para mulheres alcoolistas, conforme estudo em andamento de Andressa Mendes da Silva Dias, no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB).

Temos menos lazer e menos tempo para dedicar-nos ao ócio, à cultura, à arte e ao viver. Corremos o tempo todo, em uma sociedade que vive para o abuso da tecnologia e de vidas. Para tudo nos recomendam uma droga que será o alívio dentro do consumo desenfreado. Só não sabemos o que fazer quando o consumo se torna problemático. Aliás, para isso, adicionamos outras drogas, aumentando o círculo “vicioso” e “viciante”.

Embora tenha havido tantas mudanças, ainda vivemos em uma sociedade que se cobra muito das mulheres, violentando corpos e mentes, na qual o alcoolismo ou qualquer outra dependência que se instale, carrega as memórias e representações sociais de que a mulher deve manter a “dignidade” de bem desempenhar seu papel social de boa esposa e boa mãe. Caso incorra em alguma dependência, provavelmente, não será acolhida. Também, não será considerada se não acolher a quem necessite. Assim, somos orientadas(os) pelas representações sociais, o que também, justificariam todos os preconceitos com relação à mulher alcoolista. Porém, falar do assunto tem, ao menos, a pretensão de desmistificar que a dependência da bebida alcoólica, também, é igual para homens e mulheres, e que ambos merecem o mesmo acolhimento.

Seguimos resistindo em propagar que esta temática deve estar na pauta do debate educativo aberto no sentido de continuar informando para que não se demonize o uso de drogas (entre elas, a bebida alcoólica) e que se acolha a todas(os) que porventura necessitem ajuda por abuso e/ou dependência.

Referências

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUER, J. **O alcoolismo e as mulheres**. São Paulo: Cultrix, 1982.

BERTONI, L. M. **“Se beber não dirija”**: representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas. Campinas: Librum, 2015.

BERTONI, L. M.; BATISTA, W. de F. V.; OLIVEIRA, J. C. de. (org.). **Vulnerabilidades sociais em tempos de pandemia**. Brasília: Technopolitik, 2022.

CASTILHO, F. Brasileiro bebeu quase 16 bilhões de litros de cerveja em 2022. JC. Publicado em 18 fev 2023. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jc-negocios/2023/02/15182000-brasileiro-bebeu-quase-16-bilhoes-de-litros-de-cerveja-em-2022.html>. Acesso em: 11 set. 2023.

CESAR, B. A. L. Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades – resultados preliminares. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 55, n. 3, p. 208-11, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v55n3/v55n3a06.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2013.

DIAS, A. M. da S. **Memória e representações sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool**. 2017. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

INCA (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER). **Tabagismo**. Publicado em 06 jun. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/tabagismo#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20estar%20associado%20%C3%A0s,osteoporose%2C%20catarata%2C%20entre%20outras.> Acesso em 15 ago. 2023.

MARTINS, R. A.; MANZATO, A. J.; CRUZ, L. N. da. O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes. *In*: CASTRO, L. R. de; CORREA, J. (org.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, [2000] 2005.

OPAS (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE). **Álcool**. Disponível em : <https://www.paho.org/pt/topicos/alcool#:~:text=Em%20todo%20o%20>

20mundo%2C%203,de%20200%20doen%C3%A7as%20e%20les%C3%B5es. Acesso em 15 ago. 2023.

SILVA, V. A.; MATTOS, H. F. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? *In*: PINSKY, I.; BESSA, M. A. (org.). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 31-44.

SOUZA, J. G.; LIMA, J. M. B. de; SANTOS, R. da S. Alcoolismo feminino: subsídios para a prática profissional da enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 622-629, dez. 2008. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000400003&lang=pt. Acesso em: 27 abr. 2013.